ÍMPIO

YURI SANTANA LIRA

É estudante de Letras, pesquisador e escritor. Desenvolve pesquisas na área da Linguística, com interesse nas relações entre linguagem e literatura. Dedica-se à escrita de ficção sombria, explorando o horror psicológico, o simbolismo religioso e narrativas de atmosfera gótica.
E-mail: yurilirasantana@gmail.com

Estava sentado no canto de uma sala escura e úmida. Escutava, periodicamente, o gotejar de um líquido insosso do outro lado da sala. Sentia-se faminto. A umidade presente fazia com que seus ossos, outrora muito estáveis, vibrassem com tamanho entusiasmo diante da friagem inédita. Perguntava-se: "Fazia quanto tempo? Cinco dias? Seis?" Não conseguia identificar.

Seu braço esquerdo estava levemente dormente. Suas pernas pareciam ter sido decompostas. Encarava o feixe de luz da claraboia com demasiado apreço. "Cinco dias? Seis?" Suspirava ofegante e tentava pensar no que teria que fazer para acabar com tudo isso. Não tinha força suficiente. Precisava alimentá-lo. Precisava se alimentar.

Fechou os olhos e, pela primeira vez em dias incontáveis, escutou. Ficou apavorado. Seu corpo era arte. Sua fome, sua sede, eram tão violentas que possibilitavam escutar o ranger de suas entranhas. Irônico. Nesse momento, ao ouvir suas veias ranger, imediatamente, imaginou-as tão secas e enrugadas que poderiam ser arame farpado. Estava, dolorosamente, fascinado. Recordou-se de sua adolescência, naquele momento da vida, quando era induzido, semanalmente, a participar das aulas de violoncelo. Caso se esforçasse um pouco, conseguiria escutar Carlos dizendo: "As tripas de cordeiro são o melhor material para uma boa corda. Recuso-me a tocar com essas ferramentas sintéticas." Poderia, de bom grado, arrancar não suas tripas, mas sim suas veias para presentear Carlos. Ele comporia uma bela canção com elas. As trataria com demasiado cuidado. Colocaria em sua galeria após o uso e diria: "Doação de meu melhor aluno." Gostaria que isso acontecesse. Gostaria, tremendamente, de ser moldado do desagrado ao apreço; do árido ao fluido; da morte à arte.

–Deus, preciso tomar uma decisão – sussurrou.

Estava sem tempo, sabia disso. Não conseguia imaginar o seu destino. Compreendia, mesmo que de forma confusa, que quaisquer decisões tomadas naquele momento seriam, perpetuamente, lamentadas por si. "Deus, me oriente. Senhor, tu sabes como sou puro, não me coloque nessa posição." Em um momento de revolta, batera a parte interna de sua cabeça com exagerada força na parede atrás de si.

Sentia medo. Era como se, a cada segundo, seu corpo manifestasse a necessidade de encerrar o sofrimento. Uma soma inconstante de medo e necessidade. Uma equação cujo resultado, ideal ou não, levaria ao fim de tudo que conhecia; de tudo que uma vez imaginara ser puro. Pensar que o Deus que sempre honrara o colocara naquela situação lhe causava profunda decepção.

Quando criança, sua mãe era exatamente o que se imagina de uma devota fervorosa. Cresceu amando e temendo a Cristo de uma forma estridente. Sentia, intrinsecamente, que cada passo, cada respiro, cada decisão estavam sendo meticulosamente observados pelo Senhor. Temia, a cada segundo, pensar de maneira a desafiar sua autoridade soberana. Ao acordar, ele e seus irmãos faziam uma oração aos pés de Nossa Senhora. Sentia sua alma efervescer nestes momentos. Maria, mãe de Cristo, o acolhia em seu manto como se fosse seu filho biológico. O amava à sua maneira. Ele a venerava. Antes do almoço, como tradição, as preces eram realizadas com excessiva dedicação. Sua mãe abominava preces rápidas. Costumava dizer: "Aqueles que sentem necessidade de rezar com tamanha pressa não estão buscando a bênção divina. Estão apenas arranjando uma desculpa para se convencerem de que não irão ao inferno. Logo, crianças, nunca se esqueçam: se quiserem adentrar ao paraíso, vocês precisam ultrapassar o que se espera de um sujeito digno. Ser justo não é garantia dos céus. Vocês precisam ser devotos. Então, ao rezar, levem o ato ao extremo. Se doem por inteiro. O Senhor Salvador pereceu pelas nossas almas; temos que mostrar nossa gratidão eterna."

Largado sobre uma poça de urina e fezes, lamentava por não ter sido devoto o suficiente. Se tivesse se dedicado mais, escolhido as viagens de pregações e louvor, não estaria nessa imundície. A necessidade de aprovação ameaçava seu coração já deficiente. Os tambores pareciam mais calmos – o seu e o dele. Não existia mais tempo. Levanta-se utilizando as paredes como apoio. Sua pele, tão frágil e acinzentada, rasga devido ao atrito sutil. Sentia-se ralo. Maltrapilho. Já em pé, a vertigem domina seu corpo, e vomita tudo aquilo que não consumira. Um líquido acinzentado escorre por suas pernas. "Senhor", exclama ao se sentir enojado. Se depara: está nu. Os dois estão.

Em seu ouvido, seu coração tenta lhe convencer do que é necessário para sobreviver. Os tambores parecem aumentar diante do esforço em se pôr ereto. Decide tomar isso como escolha. Se arrasta. "Um pé de cada vez. Você consegue." Parece uma eternidade. Gotas geladas escorrem por seu peitoral ferido ao se aproximar. A claraboia parece aprovar sua decisão. Estranhamente, sente a cela mais iluminada. O Senhor aprova. Caminha – ou melhor, se arrasta – mais rapidamente. Em seu peito, toca uma orquestra. Uma orquestra divina. Está próximo. Consegue sentir o cheiro putrefato de um corpo inerte há tantos dias. Está vivo. A canção que toca em seu peito é amena. Tem a percepção de que o músico interno está desgostoso: cansado de performar aos tolos. Isso o acovarda. Mas não pode desistir. Não irá.

Finalmente, chega à linha de chegada. Está bem diante dele: um homem tão escuro, que sua pele brilha como uma estrela cadente riscando os céus. "Deus, mesmo em cenários tão infames, esse homem reluz em devoção." Sente-se mal. Não conseguia se ver; não existia espelho, e a água no chão não era tamanha para refletir sua imundície. Mas sabia que sua pessoa se mostrava envelhecida. O analisava: era esguio, forte, possuía pelos demais em lugares estranhos e pelos de menos em lugares convencionais. Era fascinante. Era divino. Agora compreendia: a sala se tornara visível ao decidir perpetuar sua imortalidade. Seu coração trabalhou com mais força. Suas veias se esticaram e tornaram-se mais resistentes aos atritos musculares de seu corpo adoecido. O Senhor lhe presenteava com sua bênção. Tinha que consumar. Ajoelha-se à frente do homem.

– Meu Cordeiro, agora eu entendo toda essa provação – disse o homem moribundo – Durante todos esses anos, o Senhor me presenteou com uma vida boa e frutífera. Fui feliz. Fui um homem de Deus. Finalmente entendo meu destino, compreendo teus planos, meu Senhor. Preciso viver tua palavra pela eternidade. Perpetuarei tua palavra aos homens dessa terra perdida. Eu prometo, meu Senhor. Viverei por Ti. – Levanta os braços aos céus – Temo a morte e o fogo do inferno como ninguém. Apenas o Senhor sabe de minhas intenções. Me presenteou com a imortalidade e eu não compreendia. Possuo tanto medo de errar que passei seis dias e seis noites em demasiada tortura. Mas agora, meu Senhor, abocanho minha decisão como se o Espírito Santo planasse sobre minha boca. O Receberei de bom grado.

Satisfeito, se levanta e, agora, finalmente, os tambores do homem petrificado parecem se vocalizar. Ele compreende. Sabe da necessidade de seu sacrifício.

– O Senhor te acolherá em seus braços, irmão – sussurra em seu ouvido – Nunca mais nos encontraremos, mas saiba que serei eternamente grato. Assim como serás a mim quando estiveres nos céus.

Honrado, o servo redimido, beija sua bochecha e escuta a orquestra em seu peito disparar. "Chegou o momento." Sente-se confuso, mas não existe mais tempo. A sala brilha como nunca antes. Os céus iluminam cada parte desse corpo santificado. Atordoado, agarra o pé do homem com sua mão esquerda e, com a direita, segura sua cintura com rigidez. Desorientado, morde sua coxa magra. O contato de sua carne e sangue sagrado em sua boca intensifica a orquestra devota em seu peito. É divino. Por um momento, sente que as orquestras dispostas em corpos desiguais se unem. Arranca o pedaço da coxa do homem e olha para os céus, mais uma vez, grato. Levanta-se e finca seus dentes no peito do homem magro.

Nesse momento, o som de seu coração parece oscilar. Se choca. Instintivamente, compreende que existem lugares em que o Senhor se recusa a ceder. Sente-se intrigado. Gostaria de sentir o coração do homem reluzente. Amedrontado por estar perdendo seu valioso tempo, parte para o pescoço. Ao morder, diferente da coxa do homem, sente que encontrará o lugar mais prazeroso. Enche-se de si — ou melhor, do homem. Está extasiado. O sangue guinchado em sua boca lhe enche a alma. Sente-se, pela primeira vez, pertencente ao mundo espiritual. Esse era o mais próximo que chegara de Deus, e estava profundamente realizado. Sua mente já almejava a próxima experiência. O ritmo diminui. O pescoço do homem parece descolado: apoia-se em sua cabeça como se, conscientemente, contribuísse para sua transformação eterna. Sente-se grato. Põe a mão em seu rosto e suga o ultimo traço de sangue antes que ambos partam para as suas respectivas vidas eternas.

Agora, com seu coração ameno, a sala se torna escura novamente. A claraboia está fechada. Sente seu corpo úmido da cabeça aos pés. Passa sua mão sobre a boca. O sangue pegajoso lhe assusta. Está confuso. "Deus, eu agi certo?" Sente o tambor em seu peito iniciar em um ritmo diferente. Se irrita. Grita. "Senhor, era isso que queria de mim?" Seu corpo formiga e o sangue disposto lhe atordoa. O cheiro lhe atordoa. Não conseguia entender. Tirara uma vida inocente – pelo quê? Vida eterna? Não. Não desejava viver assim. Perdido na escuridão, começa a palpar as paredes. Precisa sair dali. Confuso, tropeça no corpo disposto ao chão. Seu coração marcha como nunca antes. Se arrepende. Não consegue evitar o pensamento de que terá que experienciar tudo aquilo de novo. Era divino. Mas a que preço?

Em desespero, encontra uma grande porta, da qual arranca o cadeado com tamanha facilidade. “Quem me colocou aqui?” ecoa brevemente em sua mente perturbada. Ao sair da sala, depara-se com uma escada em caracol. Seu peito martela uma rapsódia tristonha. Desce o caracol desesperado, tateando as paredes em sua volta em meio à escuridão. Seus pés ensanguentados grudam nos degraus imundos. Possui a impressão de que, a cada passo, a imundície se funde às suas solas, tornando-se parte de sua própria extensão. No fim das curvas infinitas, à sua frente, enxerga o ornamento de uma porta. Ao redor, de maneira quase santificada, consegue ver a luz do pôr do sol lá fora. Seu peito clama pela ternura diurna. Abre a porta com os ombros. Corre sem enxergar em meio à claridade súbita. “Obrigado, meu Criador.” Seus pés estão enterrados na areia; seus dedos sentem a temperatura de cada partícula. É reconfortante – por um segundo. Não compreende: o desconforto se inicia aos poucos. Em questão de instantes, sente sua carcaça queimar como chama viva. O cheiro é insuportável. Range os dentes e vocifera um som inumano. Se inclina ao chão. Não consegue se mover. Seu rosto pressiona a areia quente, e sua língua convida cada partícula a um banquete árido. Geme. Sente-se desaparecer em meio à dor.

– Cristo, o que está acontecendo? – grita aos céus em tom de súplica – Senhor, me salve – clama com sua língua empapada – Minha pele queima como se estivesse sendo castigado pelo inferno, Pai.

Atordoado, tenta se mover para onde estivera, nas sombras, mas suas pernas parecem ter sido reduzidas a pó.

– Virgem Maria, suplico a ti – berra o homem deformado – Interceda por mim, mãezinha. Se Cristo, meu Salvador, não me considera digno, convença-o de minha natureza santificada.

Os tambores em seus ouvidos rufavam tão alto que sua voz não era escutada nem por si mesmo, nem por Cristo. Desesperado, sabia que seu tempo em meio aos mortais chegara ao fim. Fora condenado pelos céus. Logo, estava destinado ao inferno pela eternidade. Seu corpo se esvaía. Parte dele, compreendia, já pertencia ao abismo.

– Satan, príncipe das trevas – sussurrou – Cristo me abandonara. Agora compreendo seu ódio. Sua injustiça é demasiada. Dedico minha eternidade a ti, príncipe. Em oferenda a ti, meu lorde, apreciarei cada gota de sangue. Disponho de minha eternidade em busca de chacina infinita. E, ademais, desonrarei Cristo em seu nome. Caçarei seus fiéis, se necessário, mas não me leve ao inferno, Príncipe. Provarei minha

utilidade à ti, aqui na Terra, Asmodeus. Apenas o senhor compreende o meu ódio por Cristo, o cruel. Poupa-me, e serei eternamente submisso.

De forma abrupta, o sol se recolhera. A sombra o atingira. Seu corpo parecia ter regredido à sua composição natural – mas agora pertencente a um novo senhor.